



V Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica
V EnICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Câmpus Araraquara
22 e 23 de outubro de 2020



A PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA NO SÉCULO XIX: UM ESTUDO DE JANE AUSTEN

Autor 1: Caroline da Silva Motta¹
Autor 2: Rafael Borgato²

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2

RESUMO: Este projeto visa a analisar a produção literária feminina do século XIX, por meio da leitura da obra de Jane Austen, mais especificamente do romance *Orgulho e preconceito*. Trata-se de uma precursora das escritoras femininas, em um contexto social no qual cabia às mulheres as obrigações da vida doméstica e lhes eram negadas as possibilidades de uma atuação pública. O gênero romance, antes de Jane Austen, marcava-se pela forte presença de um público leitor feminino, mas da negação da presença das mulheres como escritoras. Sendo assim, busca-se justamente estudar quais são as possibilidades de produção dentro desse contexto, o modo como a autora se insere na tradição literária, verificando-se sua importância para o cânone (avaliada em um momento posterior) e, dessa maneira, analisa-se a recepção de sua importante obra, tanto no sentido de qualidade literária quanto no de sua relevância para um ponto de mudança no campo da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Jane Austen (1); Literatura Inglesa (2); Escrita feminina (3); Realismo (4)

INTRODUÇÃO

O romance moderno, aquele surgido em idos do século XVIII em meio à Inglaterra burguesa, onde a circulação de jornais e o público leitor aumentavam conforme se expandia a classe média, é marcado, inicialmente, basicamente por autores homens. É o mesmo que se dá no restante de boa parte da história da literatura ocidental: trata-se de uma arte masculina, ainda que muitas vezes tratasse de temas femininos, sempre, no entanto, sob um viés cercado de preconceitos, ideias pré-concebidas sobre aquele que Simone de Beauvoir chamou de “o segundo sexo”. Mas o romance se desenvolve em torno de leitoras mulheres, tanto as burguesas cuja existência se limitava aos cuidados no âmbito doméstico, quando as criadas, maior grupo profissional da Inglaterra setecentista e ávidas consumidoras dos capítulos de romances publicados em jornais e folhetos. No século XIX, a presença feminina como público leitor leva ao surgimento de algumas autoras mulheres, caso de Jane Austen, uma das pioneiras nesse quesito.

Jane Austen nasceu em 1775, em Steventon Rectory, na região de Hampshire, Inglaterra. Recebeu uma educação típica de mulher burguesa da sua época e passou a vida toda – até sua

¹ Aluna do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, bolsista PIBIFSP.

² Doutor em Estudos Literários; Docente do quadro efetivo da área de Letras no câmpus Araraquara do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo.

morte, aos 45 anos, em 1817 – em meio ao seio familiar. Tornou-se leitora e escritora, atividade incomum para uma mulher de seu tempo. As mulheres em seu tempo não tinham o direito de assinar contratos em seu próprio nome e, em geral, recorriam à publicação anônima para lançar suas obras. Foi o que fez Austen com os romances que publicou em vida: *Razão e sensibilidade* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816).

Orgulho e preconceito é uma obra bastante representativa de sua bibliografia, tanto por seu sucesso, que perdura até hoje, quanto pelas questões de que trata: o lugar da mulher na sociedade burguesa do século XVIII e as possibilidades de liberdade dentro de um contexto tão restritivo. Este trabalho se propõe justamente a estudar os temas abordados no romance em relação com a situação social de seu tempo, bem como as condições da escrita feminina nesse mesmo período, a partir de uma autora pioneira que abriu caminho para as mulheres no ambiente literário.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O crítico inglês Ian Watt (2000), na obra *A ascensão do romance*, descreve o contexto sócio-histórico em que se desenvolveu a forma do romance moderno, evidenciando o fato de que o público leitor se constituía principalmente de mulheres burguesas. A estas, na organização social em questão, cabia o papel doméstico, de senhora do lar, mãe e esposa. Dentro dessa atribuição de papéis pretensamente racional, uma mulher existia como sombra, primeiramente de seu pai e depois de seu marido. A marca civil disso era o sobrenome, recebido da parte paterna e que se alterava após o casamento para indicar a nova senhora como pertencente àquele com quem se casou. Assim, a vida pública era exclusiva dos homens, fosse no exercício de cargos relevantes, na possibilidade de uma carreira, no gerenciamento do patrimônio e na construção de discursos – como aquele que sustentava essa formatação social. Nesse sentido, a literatura também não deixava de ser uma atividade estritamente masculina, ao menos no ato criador. Aquela que era considerada a alta literatura, ou seja, que se valia dos modelos clássicos do fazer poético, estava relacionada estritamente ao universo masculino, tanto em sua produção quanto recepção (leitura), pois se tratava da alta cultura. O romance moderno, por sua vez, por seu caráter transgressor e inovador, portanto, fora da esfera da cultura tradicional, era considerado um gênero menor. Por isso, estava relacionado à esfera feminina, às leitoras burguesas, à atividade cuja única função era o lazer.

A escrita do romance moderno, em sua origem, voltava-se então para este público que, se era excluído das instâncias decisivas da vida burguesa, constituía o centro para o qual se direcionava o mercado editorial. Segundo Marthe Robert (2007), o gênero, em seu período incipiente, figurava ficcionalmente a estrutura da sociedade burguesa e buscava reproduzi-la com a fidelidade formal da linguagem mais referencial do que metafórica, da prosa que se aproximava do texto jornalístico. Aliás, os principais autores do período de ascensão do romance moderno, como Daniel Defoe e Samuel Richardson, eram também profissionais da imprensa e alternavam suas publicações entre artigos de jornais e as narrativas ficcionais. Robert também destaca que o gênero narrativo possuía, tradicionalmente, um teor didático que, na verdade, expressava o moralismo do período.

Foi Samuel Richardson quem se ocupou mais de uma ideia de função feminina, por meio do romance epistolar. Em *Pamela*, por exemplo, traz a figura de uma mulher incorruptível na preservação de sua honra – que nesse contexto adquire sempre uma conotação de autocontenção da sexualidade. O mesmo ocorre em seu outro célebre romance, *Clarissa*, a trágica história da mulher violentada que recorre ao suicídio para não enfrentar sua desonra. Em ambos os casos, é apresentado um modelo de comportamento feminino e sua exaltação axiomática por meio da figura da heroína exemplar. Com esse recurso, a narrativa inglesa setecentista conseguiu criar um realismo

formal de linguagem referencial próxima da factualidade jornalística que se conjugava com o efeito moralista, transportando a imagem deste da alegoria (como ocorria nas fábulas medievais e na narrativa de cavalaria) para o modelo de imitação da realidade cotidiana.

O romance moderno do Ocidente se estabeleceu enquanto gênero literário de relevo, no entanto, somente no século XIX, quando os autores do realismo francês se apropriaram com propriedade do modelo formal do período de ascensão e buscaram reproduzir na prosa a *verité humaine* de Rembrandt e da pintura holandesa dos 1700. Gustave Flaubert e outros autores que seguiram seu estilo e sua temática encontraram em um assunto específico da sociedade de sua época: a condição das mulheres na organização social burguesa. Como afirmou o crítico Franco Moretti (2006), o realismo oitocentista se dedicou a questões sérias que evidenciassem as contradições da pretensa racionalidade do mundo burguês. E seus autores fizeram isso valendo-se de uma linguagem sóbria e objetiva que denotasse tanto essa ideologia que se autodenominava racional quanto suas contradições internas. O chamado realismo social teve então uma preocupação em representar literariamente questões de relevo que dominavam o debate público em um modelo de sociedade no qual o modo de produção capitalista e a ideologia burguesa já haviam se tornado dominantes. No entanto, ao dedicar suas páginas à questão da condição das mulheres dentro desse tecido social, os autores realistas acabaram por reproduzir justamente aquilo que denunciavam, o que se pode perceber por um detalhe bastante óbvio: tratava-se de um conjunto de homens na posição historicamente privilegiada de seu lugar de fala abordando o tema, enquanto, às mulheres, continuava a caber o mesmo papel descrito nas obras ficcionais.

A passagem da figura de mulheres leitoras de romances para mulheres escritoras de romances não foi imediata e esteve intrinsecamente relacionada à própria organização da sociedade. O crítico inglês Raymond Williams (2014) afirma que, por mais que a literatura busque muitas vezes se constituir como uma obra de arte autônoma, em que a forma da linguagem e a verossimilhança interna teriam mais importância do que os referentes da criação, é inegável – e inevitável, que o texto literário faça referência a um contexto específico, recebendo influência de seu tempo e meio de criação. De fato, a literatura realista do século XIX, em vez de negar essa proximidade do artefato literário com o real, busca na verdade reafirmar tal relação, concebendo a ficção como um reflexo crítico da realidade. Seguindo o mesmo raciocínio sobre o processo de criação e o produto final, chega-se, portanto, ao tipo de escrita possível às mulheres autoras dos 1800.

Nesse sentido, o estudo da obra de Jane Austen, autora inglesa do período, hoje célebre, mas que enfrentou todas as dificuldades de ser uma escritora mulher em uma sociedade cujo pressuposto era justamente a negação dessa atividade para alguém do sexo feminino, vai muito além da leitura analítica de seus romances. A compreensão das condições de sua escrita, de seus temas e de seu estilo passa pelo entendimento das condições sociais de seu tempo, de seu contexto de surgimento (na Inglaterra vitoriana) e da posição da mulher nessa sociedade supostamente organizada de modo racional. O estudo da obra de Jane Austen perpassa, então, a produção social de sua escrita, o imaginário possível de sua figuração.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho proposto se baseia no método da análise crítica da obra literária que aborda, além das questões intratextuais, os elementos extratextuais que compõem o corpus do trabalho. O romance estudado é *Orgulho e preconceito*, da autora inglesa Jane Austen, em paralelo comparativo com outras obras da autora – as quais não são propriamente objeto central da análise, mas, sim, tomadas em um contexto mais amplo de produção da escritora. A análise tem como base textos de apoio, tanto de teoria literária, como *A produção social da escrita*, de

Raymond Williams, *Introdução à análise do romance*, de Yves Reuter, *English literature: an introduction*, de Terry Eagleton, entre outros que possam auxiliar no processo de leitura crítica. Além disso, como a proposta é se debruçar também sobre aspectos extraliterários, que poderíamos chamar de maneira simplificada de “contexto de produção e recepção”, a pesquisa envolve um levantamento bibliográfico de textos da área de História e Sociologia que tratem especificamente do tema da História das mulheres e da construção histórica de seu papel social na sociedade burguesa moderna. Essa concepção de metodologia de análise se baseia no trabalho do professor francês Antoine Compagnon, na obra *O demônio da teoria*. Nesta, buscou-se uma síntese para a querela entre o estudo historicista da literatura do século XIX e o formalismo do século XX, propondo-se uma compreensão do texto literário que compreenda seus mecanismos internos como um fruto com certa autonomia, mas cuja produção e recepção não deixam de ser frutos de fatores históricos e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se iniciou há pouco tempo, no final de julho de 2020, portanto ainda se encontra em fase de leitura e fichamento da bibliografia proposta, com discussões entre orientador e orientanda. Estamos ainda na fase de leitura de textos que façam uma relação entre a autora e seu tempo, a condição da mulher nos séculos XVIII e XIX em comparação com a ambientação e a temática dos romances e, num segundo momento, realizaremos a leitura de artigos referentes especificamente às condições da escrita feminina (ainda dentro do contexto apresentado). Toda a pesquisa sucede a leitura do romance e é conduzida pelas referências bibliográficas apresentadas abaixo. Adiante, haverá a seleção de outros textos que também abordem as temáticas trabalhadas na pesquisa.

CONCLUSÕES

Por ora, podemos concluir que existe uma influência mútua entre a produção literária em si, o romance, e as condições de sua escrita. Jane Austen trata das condições das mulheres de seu tempo a partir da perspectiva de uma mulher burguesa. Sua vida é a do ambiente doméstico, por isso esse é o espaço central de *Orgulho e preconceito*. O tema do casamento é central porque se tratava do único elemento de vida pública das mulheres dos séculos XVIII e XIX e, mesmo assim, sua protagonista, Elizabeth, se opõe ao seu destino, força moral e de caráter que a conduz a um casamento por amor. Trata-se de uma narrativa idealizada dentro de um ambiente burocratizado e restritivo. Os passos seguintes da análise se debruçarão mais detalhadamente sobre estas questões e farão referência a aspectos extratextuais, pensando no porquê da literatura de Jane Austen ser como é, considerando o contexto em que sua escrita pôde se desenvolver.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas)
- EAGLETON, T. **The english novel: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- MORETTI, F. Serious Century. In: _____. **The novel: volume 1: History, geography, and culture**. New Jersey: Princeton University Press, 2006. p. 364-400.
- REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RICHARDSON, S. **Clarissa, or the history of a young lady**. New York: AMS, 1990.
- _____. **Pamela**. Middlesex: Penguin Books, 1980.
- WATT, I. **A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILLIAMS, R. **A produção social da escrita**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2014.